

CONSTRUINDO A HISTÓRIA NO COTIDIANO: MEMÓRIA E IDENTIDADE COMO APOIO AO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - UM ESTUDO REALIZADO NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RGS

MARQUES¹, Luiz Alberto de Souza – UNISUL – luiz.marques@unisul.br

GT: Educação Fundamental / n.13

Agência Financiadora: Sem Financiamento

1. O ENSINO DE HISTÓRIA PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL CONFORME OS DOCUMENTOS NORTEADORES UTILIZADOS NAS ESCOLAS PESQUISADAS

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os objetivos gerais da área de conhecimentos históricos preconizam o conhecimento e compreensão do universo em que vivem os alunos em famílias e em comunidades, numa perspectiva socioambiental, através da construção de repertórios histórico-culturais. Sobre o tema, os parâmetros trazem como premissas, entre outras:

- reconhecer semelhanças e diferenças de ordem econômica, social, política e cultural identificáveis em seu grupo de convivência – familiar e meio – numa perspectiva de cotidiano;
- reconhecer permanências e mudanças, no espaço e no tempo, em suas vivências cotidianas em família e em sociedade;
- caracterizar modos de vida específicos da comunidade e realizar estudos comparativos com outras sociedades;
- conhecer e respeitar o modo de vida dos grupos sociais e suas diferenças.

¹ Grupo de Pesquisa - Educação, cultura e sociedade
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação

Ao referirem-se a questões de natureza histórica, os Parâmetros Curriculares têm preconizado o conhecimento histórico construído pelos alunos, referenciado a história local e cotidiana e integradas ao conhecimento da paisagem natural e da vida do lugar.

Nas séries iniciais, o estudo do espaço geográfico enfatiza questões vinculadas: ao espaço de vida do aluno em família e comunidade, ao espaço comunitário e a espaços mais amplos, numa perspectiva de cotidiano. Isto permite que ele construa seus saberes escolares a partir do estudo e da análise dos diferentes aspectos que compõem a paisagem local, seja ela natural, humana, econômica, política ou cultural e suas mutações através do tempo.

Essas temáticas enfocadas nos parâmetros, embora eminentemente culturais, não têm, no conjunto, a preocupação em caracterizá-las como estudos etnográficos, o que, desde as séries iniciais, possibilitaria uma aproximação maior da Antropologia Cultural com o currículo escolar do Ensino Fundamental, através da História e da Geografia Cultural.

Nas escolas pesquisadas, a presença dos parâmetros era constante, porém, poucos professores ultrapassaram a uma primeira leitura não demonstrando ser um documento de consulta. Percebe-se que muitos objetivos listados não foram devidamente discutidos o que não permitiu um estudo mais aprofundado do significado de termos e expressões neles contidos.

1.1 Estudo da cultura conhecida como “ cultura italiana” – A Região Colonial Italiana

Antes de penetrar nas questões pedagógicas do referido estudo, é importante que o(a) leitor(a) conheça traços do contexto cultural onde o estudo se realizou.

A região colonial italiana é facilmente identificada no panorama cultural sul-riograndense por possuir manifestações culturais específicas que identificam o grupo étnico de origem. Algumas manifestações inerentes a esta cultura são expostas ao público através de festas regionais, vinculadas principalmente à vindima, que iniciou com a Festa da Uva em Caxias do Sul/RS, posteriormente estendida a toda a região, com feições próprias em cada cidade e/ou comunidade, mas tendo muitos elementos em comum, denominados de “tradição cultural italiana”.

Fonte de atração que alimenta a indústria turística regional, as festividades populares da cultura de “origem italiana” tornaram-se atrativas e de larga aceitação no conjunto da oferta regional. São famosos e apreciados os pratos da culinária, o canto coral, os grupos de danças, os jogos de carta e bocha, o vinho “colonial” produzido nas pequenas cantinas acompanhado de queijo e salames, a fala característica com acentuado sotaque, e muitos traços culturais agregados ao espírito expansivo e alegre do povo.

Os referidos traços culturais presentes nas feiras e festas vinculados à produção agro-industrial, aliados aos costumes característicos do dia-a-dia, são transformados em atrações que encantam e fascinam visitantes. São tradições identificáveis da cultura popular de origem italiana (muitas vezes com o rótulo de folclore), tanto no espaço regional como através do tempo. Isto, por vezes, gera a algumas interrogações:

- Serão estes os principais valores que de fato identificam a cultura do grupo étnico de origem italiana no Rio Grande do Sul?
- Estas manifestações são representativas do cotidiano de vida e de trabalho, ou são representações simbólicas utilizadas nos momentos festivos, como oferta comercial e turística ?
- Serão ainda resquícios da cultura transplantada com a vinda dos imigrantes, ou são tradições criadas aqui , com elementos originários da Itália?
- A escola proporciona um espaço para o estudo das manifestações culturais do grupo étnico majoritário ou tangencia esta questão, utilizando-se apenas dos textos resumidamente encontrados nos livros didáticos ?

No tocante às questões da área cultural, o Estudo do Meio se substancia na busca de conhecimentos a partir da escola, reconhecendo as manifestações específicas da sociedade local, como resultado de uma tradição construída no cotidiano das relações sociais, produtivas, religiosas e políticas, entre outras, que ali se travam através da memória popular.

Um estudo com este enfoque cultural possibilita a construção de um saber escolar, partindo do meio onde vivem os alunos e seus familiares, dentro de um recorte de cunho etnográfico no ensino de História em sua fase inicial. Interessa-me, sobremaneira, em procurar interferir, dentro dos limites desta proposta, no modo como o ambiente cultural

do grupo abrangido é visto, pensado e estudado na escola, vinculando a temática estudada à cultura que se apresenta no cotidiano do meio e lhe presta identidade.

Segundo Pozenato (1990, p.10), a identidade não é buscada “no plano das manifestações externas, mas no uso que existe por trás das manifestações”, ou seja, vai além das aparências e das celebrações. Assim, as manifestações legítimas da cultura não estão na “exposição”, mas no cotidiano das pessoas em família e em comunidade.

Como cultura, num sentido antropológico, as manifestações nascidas do povo não têm o mesmo significado que os recortes utilizados quando mostradas como “folclore italiano” ou

“ festas típicas”. Folclore é aqui entendido como um conjunto de manifestações culturais permanentes ou de tradições preservadas por um povo. Como folclore representam apenas fragmentos simbólicos: uma cultura residual de um tempo em que uma sociedade sobrevivia isoladamente, não integrada a um processo dinâmico de economia de mercado ou de uma nova ordem social.

Como a sociedade regional foi construída na fusão de vários grupos oriundos de regiões diferenciadas da Itália, esta tradição, embora represente as manifestações do grupo vêneto, não singularizam o conjunto do povo. Trata-se do somatório de traços culturais como contribuição dos grupos originários, fundidos num processo de elaboração ou mesmo de “invenção” de uma nova referência cultural.

Os imigrantes construíram, assim, nas condições com que se depararam ao chegar na região, o seu *ethos* cultural na “Mérica”: uma cultura italiana aliada às novas condições de vida

Segundo Macedo (1984, p.35), “A cultura consiste num conjunto global de modos de falar, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo de vida pelo qual a vida social se desenvolve.”

Neste novo modo de vida, na medida em que foram se agregando novos valores, criaram-se novas expressões resultante das trocas culturais. Suas manifestações se fortaleceram numa cultura elaborada no conjunto do grupo, eminentemente de povo com simbolizações próprias e, como tal, sofre constantes reelaborações.

Para Geertz (1987, p.143), o ethos de um povo:

[...]é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estático, sua disposição, e a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão do mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade.

Na realidade da região colonial italiana, o ethos apresenta-se como um espaço construído coletivamente e que se operou num tempo mensurado (após a chegada dos imigrantes e a formação das sociedades locais), caracterizando-se como resultado de trocas culturais, estabelecidas no seio da comunidade, no incremento das interações sociais. Estas novas manifestações culturais foram, de alguma maneira, compartilhadas e legitimadas, por todos os integrantes dos grupos comunitários nas áreas ocupadas pelos imigrantes italianos, já que naquele momento todos pertenciam a uma mesma etnia e compartilhavam a construção coletiva de um novo espaço de vida.

Estudos realizados explicitaram a construção desta sociedade e cultura. Salientam-se os de Rovilio Costa e Luiz Alberto De Boni, que estudaram algumas sociedades formadas através dos núcleos coloniais e realizaram pesquisas sobre a presença italiana no Brasil, com foco no sociocultural. Eles afirmam que o abandono – a que foram submetidos os primeiros imigrantes no assentamento nas recém-instituídas “colônias” pelo governo Imperial –, foi agregador e afirmativo desta nova identidade cultural, que passou, portanto, por um processo de recriação em um novo espaço.

Conforme os autores, “lançados à própria sorte, em um mundo totalmente estranho, defrontando com a natureza em sua virgindade primitiva, os colonos recriam seu mundo cultural decalcando-o sobre alguns valores trazidos da Europa” (DE BONI e COSTA, 1992).

A partir do último quartel do século passado, resultante de um modo peculiar de fixação a terra e de desenvolvimento de grupos, estes tinham ainda presentes os traços culturais de suas culturas originais. Tais grupos criaram ou “inventaram” uma unidade cultural nova e particular: “a colônia italiana”, que resultou num novo cenário de manifestações culturais.

Olivem (1992, p.26), abordando a questão da tradição num ambiente cultural em constante mutação, aponta a tradição como uma referência que permite o reconhecimento das “*identidades*” originárias ou construídas em diferentes sociedades. Ainda, segundo o autor, muitas tradições foram inventadas a partir de determinado momento histórico e passaram, através do tempo, a ser aceitas e reproduzidas como

próprias e até fazem parte do conjunto de manifestações tidas e difundidas como “tipicamente italianas”.

Esta cultura italiana ou italianidade, que se mantém viva no cotidiano das pequenas comunidades, passa a ser relevante – quando o Estudo do Meio propõe a iniciação ao ensino de História, nestas regiões etnicamente diferenciadas –, pois os alunos terão oportunidade de estabelecer os primeiros contatos com o conhecimento histórico através da relação entre o tempo presente e vivenciado com o tempo vivido por seus antepassados que construíram a história de seu espaço de vida, de seu meio e, portanto, de sua cultura. Esta mesma história vivida é rica em memórias, detalhes e, principalmente, emoção o que a torna curiosa e interessante.

Ao enunciar os elementos essenciais presentes na construção desta identidade cultural italiana, Oro (1996, p.614) inicia pelo “talian”, por ser o modo de falar ou “dialeto” integrador do grupo étnico, criado no Brasil, representando a fusão de diversos “dialetos” provinciais, mesclando termos da língua portuguesa. No decorrer deste trabalho de pesquisa, em vários textos, principalmente no conhecimento dos elementos do meio natural, os alunos citam palavras em “italiano”.

O “talian” contribuiu para a preservação de um conjunto de manifestações culturais até hoje tidas como vinculadas à etnia italiana. Entre elas, o canto, as orações, a história oral, o jogo, os “causos”, a escrita, a comunicação no grupo familiar e comunitário.

Outro elemento apontado por Oro é a relação familiar patriarcal, constituída numa aceitação incontestável da força simbólica de poder que emana dos “nonnis”-avós – depositários de uma tradição de cultura familiar configurada como sabedoria, vivência, experiência acumulada, manejo político das relações sociais, entre outras, e traduzida num profundo respeito “aos mais velhos”.

É no seio da família que os valores étnicos e culturais se reproduzem. Ali, também, é que o Estudo do Meio se fortalecerá e será campo de investigação, por alunos e professores, estabelecendo relações espaciais, temporais e grupais que irão fornecer elementos expressivos para a reelaboração, no espaço escolar, do conhecimento de uma cultura de meio.

Ao priorizar o meio cultural e suas manifestações como forma de conhecimento de uma cultura de grupo familiar e comunitário, o estudo visa a compreender, com os alunos, o significado e a importância das ações humanas, que são consideradas também culturais.

Segundo Freire (1994, p.31 e 56), “ cultura é tudo o que é criado pelo homem.” E são culturais “todos os produtos que resultam da atividade do homem.”

Assim, no ensino de História , ao despertar o ato de criar e de transformar as ações humanas em cultura, os professores e alunos utilizam-se das mais variadas criações culturais do homem em seu meio e dão-lhes, na escola, os seus devidos valores.

Ao inserir no estudo as práticas culturais dos grupos familiar e comunitário, objetiva-se, também, provocar na escola, um “ *abrir-se a alma*” da cultura de um grupo, como quer Freire (1995, p.110). Envolver-se no cotidiano nas mais diferentes formas, constitui uma forma de compreender a História e a trajetória de vida de seu povo.

Para Bittencourt (2004, p.172):

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao de proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares”.

A cultura que busco estudar e/ou representar no estudo do cotidiano não se atém tão-somente aos símbolos e representações constantemente visualizados e identificados nos grupos e sociedades etnicamente diferenciadas; não se encontra simplificada aos “hábitos” e “costumes” como a escola tem enfocado, mas a cultura que permeia o cotidiano de trabalho, das relações familiares e comunitárias, que se apresenta singular na construção histórica de seu povo/grupo. Mesmo modificados no decorrer do tempo, os traços culturais que permanecem ainda prestam identidade às sucessivas gerações.

1.2 Estudo do Meio e o estudo do cotidiano de um grupo étnico

O Estudo do Meio, como uma abordagem ao estudo de cotidianos, enfoca preferencialmente a questão do conhecimento da cultura local numa perspectiva de construção de sociedade em um determinado espaço, pontuando os modos de vida, tanto no presente como no passado recente e remoto, enfatizando as transformações e suas conseqüências, bem como as permanências.

Como abordagem metodológica, este estudo foca, preferencialmente, questões da sociedade e cultura locais, possibilitando a construção de conhecimentos pesquisados e elaborados pelos alunos conforme suas percepções.

O estudo traz como referência o conceito de cultura na ótica da Antropologia Cultural utilizado por Hoebel e Frost (1999, p.4), qual seja: “sistema integrado de padrões de conhecimentos aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de uma herança biológica.”

Entretanto, o que observei, num considerável número de escolas, é uma defasagem entre as premissas e a ação docente. Muitos dos objetivos estão até hoje sendo utilizados nas propostas curriculares e nas de ação dos professores, mas no cotidiano da ação pedagógica existe um visível distanciamento entre o uso da palavra (discurso) e a efetivação da mesma (prática).

Os elementos culturais sempre integraram os currículos escolares, mas geralmente vistos como um apêndice à parte. Nos antigos livros didáticos de História, encontravam citados ao final dos capítulos como expressões das artes no período estudado. Em Geografia, como geografia humana, mas despossuídos do enfoque de como cada grupo se organizava culturalmente num determinado espaço e ali construía a sua sociedade e sua identidade através do tempo

Não é raro ver-se professores ainda classificando, listando, catalogando apenas elementos simbólicos como se fossem os principais traços culturais de um grupo. É importante registrar que tais elementos simbólicos sofreram transformações ao longo do processo de construção histórica. Mas por se tratar, em geral, de questões comportamentais e, portanto, sujeitas a modificações e interferências por sucessivas gerações, ainda fazem parte da memória ou do cotidiano desses grupos. Não se trata de “folclorizar” as manifestações, mas de registrar, numa ação pedagógica, hábitos, atitudes e outras manifestações que povoam a memória dos “nonnos” e “nonnas”. Tais memórias, estudadas nas escolas locais, despertam nos alunos o interesse e a curiosidade pelo conhecimento da construção e evolução das sociedades em que eles estão inseridos, bem como das relações espaço temporais.

Para que se possa integrar os saberes do povo com o saber escolar, é importante que a escola utilize a memória dos grupos como instrumento de conhecimento da história local. E, nela, a presença de narrativas de um outro tempo que representava um outro cotidiano.

Para Bittencourt (2004, p.168):

o cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a idéia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação.

Inserir a cultura local e regional numa perspectiva de estudos de cotidianos através das histórias de vida na iniciação ao ensino de História foi o desafio proposto nesta pesquisa.

2 A PRESENÇA DESTA CULTURA NAS ESCOLAS DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

Para entender como esta cultura chega às escolas, nas comunidades da região colonial italiana, buscou-se analisar os valores culturais e étnicos que são enfocados através dos textos que subsidiam os professores e, por vezes, representam as únicas abordagens que a escola faz sobre a cultura regional.

Foram escolhidos seis autores e sete obras que compõem, até o momento, a oferta de livros didáticos distribuídos pelos órgãos oficiais às escolas para serem escolhidos e posteriormente trabalhados com os alunos. Alguns deles encontram-se fora de edição, mas mesmo assim, avolumam-se nas bibliotecas escolares e servem de referência de pesquisa aos alunos e professores.

Retirei destes textos elementos que identificar as contribuições de ordem econômica, social e cultural dos imigrantes italianos para a formação do Rio Grande do Sul, estudados como conteúdos de História nas séries iniciais. O que se percebe é que esta cultura chega até a escola de forma fragmentada e estereotipada e sendo trabalhada com os alunos, de maneira que os mesmos respondam da mesma forma através dos exercícios que os acompanham e que visam reproduzir as afirmações dos autores. Dada as limitações de espaço para a redação desse artigo, citarei apenas as “expressões chaves” de suas elaborações e vistas como aspectos considerados culturais nas obras estudadas:

a) Contribuição cultural os autores se referem apenas a tocar acordeão;jogar cartas;comer massa e polenta;beber vinho;realizar festas nas colheitas;rezar missas;construir casas com tabuinhas, danças e canções

b) Contribuição econômica – Da mesma forma, apenas foram citadas as contribuições como: trabalho na agricultura;plantação de uvas;instalação de pequenas fábricas de vinho;contribuição para o desenvolvimento agrícola e industrial, Economia de subsistência;produção artesanal;produção de milho ;fabricação e comercialização de vinhos.

c) Contribuição para a culinária regional - Uso do vinho; polenta e galeto , massas , queijos e pizza

O estudo também procurou verificar em que momentos a “ cultura italiana” é lembrada ou celebrada na escola.

Conforme os professores : em horas cívicas;festas do padroeiro da comunidade; festas e comemorações esporádicas; semana do município; dia do colono: feiras e festas de vindima.

No tocante as atividades utilizadas pelos professores nos momentos acima apontados, esta mesma cultura é trabalhada através de: entrevistas diversas;observações de fotos antigas;consultas bibliográficas;cantos, dramatizações, filmes memória popular

Os dados acima listados revelam que:

1. Os autores apontam aspectos desvestidos de uma contribuição cultural que se reelabora constantemente, mas apontam um rol de aspectos simbólicos tidos, muitas vezes, como folclóricos ou interpretados como uma tradição trazida pelos grupos de imigrantes;

2. salientam algumas contribuições econômicas mas não aprofundam sobre estas mesmas contribuições;

3. apontam alguns aspectos voltados à alimentação como contribuição cultural italiana;

4. as informações sobre as contribuições da imigração italiana não são contextualizadas, apresentando-se desconectadas entre si; as informações aparecem de modo classificatório e enumerativo;

5. Um dos autores estudados não menciona a contribuição cultural dos imigrantes. Quando aborda a cultura *do Rio Grande do Sul*, destaca somente o tipo

pampeano, seus usos e lendas como se os representantes das diversas etnias colonizadoras e de origem européia mais recentes, em nada tivessem contribuído para a formação do “*Homem rio-grandense*”;

6. citam como “populares” ou “pitorescos” as festas de colheita, a música tocada com gaitas e a fabricação das mesmas, como contribuição dos italianos para a cultura do Rio Grande do Sul;

7. os textos que chegam às escolas da região colonial italiana – e em, particular às comunidades que participam deste trabalho, no tocante ao tema da imigração e levando em consideração a imigração italiana – pouco contribuem para o conhecimento desta história, já que os aspectos abordados são apenas listados, enumerados e não provocam nenhum estudo de seus processos e contextos.

8. Privilegia-se a figura simbólica em detrimento de um contingente maior de “gaúchos” que habitam outras regiões do Estado: retiram, por vezes, toda a possibilidade de entendimento de que os gaúchos de origem italiana formam também uma identidade cultural – gaúchos –; reforça a idéia de que existem os gaúchos e o “Gaúcho”. Estas posturas excludentes ferem, por vezes, o entendimento das crianças de que gaúchos são os nascidos no Rio Grande do Sul. Ao mirarem-se nos exemplos dos livros, percebem que o “Gaúcho” é um tipo à parte, vivendo em um território exclusivo, com uma história distinta e uma cultura específica.

9. Não há referência ao tipo de sociedade que os imigrantes aqui formaram e a condição de vida e de trabalho nas áreas coloniais, como se as “novidades” trazidas fossem introduzidas em uma área já povoada e numa sociedade já estruturada, sobrepondo, com suas tradições, uma cultura já existente.

10. Quanto à forma como os professores trabalham e como percebem a importância que se atribui à cultura italiana, todos (14) foram unânimes em afirmar que durante o curso de formação de magistério não receberam nenhuma informação sobre a cultura italiana em seus respectivos municípios. Numa região em que as manifestações culturais de origem italiana são tão expressivas e cultuadas como produto da oferta comercial e turística e de motivação para festas e feiras regionais, chama a atenção o fato de que os sistemas educacionais não tenham até aqui dado ênfase ao estudo destes aspectos culturais nos currículos escolares, tanto do primeiro como do segundo graus. Esta realidade evidencia que a escola prega em seus objetivos pedagógicos a adequação do estudo “ao cotidiano”, “as vivências” e “a realidade” dos alunos, mas que na prática não enfatiza as questões culturais de seu meio e região.

As apresentações artístico/culturais, em festas na escola e na comunidade, com a temática da cultura italiana são atividades episódicas não fazendo parte de um trabalho contínuo, como ênfase na cultura de seu grupo e de seu meio.

A maioria dos professores sente necessidade de trabalhar aspectos da cultura do meio e do grupo de origem italiana junto aos alunos. O que dificulta o andamento e a continuidade dos trabalhos é o pouco material disponível e a falta de informação/formação sobre o assunto. E as produções acadêmicas realizadas sobre a realidade regional não chegam até as escolas para o próprio embasamento dos professores.

3 COMO ESTA CULTURA PODE SER TRABALHADA NA ESCOLA CONTRIBUINDO PARA O PERTENCIMENTO A UM GRUPO ÉTNICO

A italianidade, forma de expressão da cultura italiana, mantida viva através da história oral e da memória popular coletiva, foi o recorte que fiz, propondo a iniciação ao conhecimento histórico através das narrativas do cotidiano local. Isto pode ser feito no:

- a) meio natural – os alunos passam a compreender a relação que se estabeleceu entre sociedade e o meio natural onde vivem e do qual retiram sua subsistência, os hábitos de trabalho, as práticas com o manejo e o cuidados com a preservação dos elementos do espaço; identificam uma “cultura” de relações entre homem e espaço de vida, bem como a “geografia humana” peculiar mas mutável através do tempo.
- b) meio histórico – quando os alunos passam a perceber, em relação ao espaço, que: o “hoje” vivenciado foi diferente em outros tempos; a sociedade conhecida e compartilhada já teve outras feições; o estudo de História lhes possibilita a compreensão dos tempos que marcaram a vida de seu povo; cada tempo construído foi acrescido de novos elementos e/ou manifestações culturais.

c) meio econômico – percebem que: há formas diferenciadas de como as pessoas, famílias e comunidades vivem e/ou viveram; as relações estabelecidas em torno das atividades de trabalho, produção, comércio, transportes, comunicações e serviços evidenciam diferentes manifestações que dão visibilidade à cultura do meio; as diferenças sociais decorrentes de uma cultura de trabalho e de exploração de quem o realiza, identificam a maneira como esta relação é tratada culturalmente no meio.

d) meio político – trata-se das diferentes formas de como se identificam as lideranças locais, as autoridades constituídas; o poder delegado pelo povo e de como elas interferem, construíram no passado e realizam conquistas no presente E ainda como isto reverte em benefícios coletivos resultante de uma ação política que se converte em demandas do grupo, e como tal, revela o nível de cultura política do mesmo.

e) meio social – estudam as relações dos grupos formadores da sociedade local e regional e de suas múltiplas formas de convivência social, da constituição das classes sociais que prestam identidade social e das manifestações da cultura inerente a cada um dos membros do grupo.

f) meio cultural – enfoca as manifestações culturais vivenciadas no cotidiano do espaço familiar e comunitário através de seus hábitos, costumes e sentimentos que prestam identidade ao grupo.

Essas áreas foram decodificadas em 10 temas geradores e subdivididas em diferentes subtemas ou assuntos a serem pesquisados.

Cada tema teve ficha de pesquisa elaborada com os alunos, contemplando os interesses deles e dos professores.

De posse de uma metodologia de pesquisa adequada à compreensão dos alunos, estes se organizaram em pequenos grupos conforme o subtema a ser estudado e foram às fontes de pesquisa, subsídios bibliográficos ou da história oral, para comporem seus relatórios.

Ao retornarem, organizavam os dados, analisavam o conteúdo dos mesmos e os apresentavam em múltiplas linguagens, textos, desenhos, maquetes, painéis, dramatizações. Isto representou a possibilidade de comunicarem na escola e na comunidade os resultados de suas pesquisas.

Em aula, as apresentações dos grupos aconteceram na forma de seminários. Dos textos foram extraídos assuntos a serem discutidos com os demais colegas, para, junto com os desenhos, formarem os “livros da comunidade”

3.1 A percepção dos professores sobre a experiência com as histórias de vida, o uso da memória coletiva e a construção da história no cotidiano

Ao avaliar-se o trabalho realizado pelos professores, um número expressivo deles (80%) considerou ótimo o trabalho, e os demais (20%) concluíram que a experiência foi muito boa.

Segundo eles, a experiência foi valiosa porque:

“Através das entrevistas, aprendemos bastante, ficamos sabendo de muita coisa nova e isto facilita a construção coletiva dos conceitos; as crianças conheceram melhor como viviam seus antepassados; somos frutos desta imigração italiana e desta cultura e este trabalho veio reforçar ainda mais a idéia de valorização e resgate do meio onde se vive; os alunos compreenderam melhor suas origens; os alunos tiveram a oportunidade de conhecer, resgatar histórias de seus avós, e até mesmo falar o dialeto que seus avós falavam. Com esse trabalho de conceitualização, o aluno valorizou mais sua realidade e interessou-se em conhecer melhor a história de seus antepassados.”

Assim, a idéia de vincular esta experiência a uma área de descendentes de imigrantes italianos foi positiva por resgatar e valorizar uma cultura que estava aos poucos sendo esquecida.

Questionados sobre os aspectos que enfatizam a experiência de inserção da cultura italiana (cultura do meio), na iniciação ao ensino de História nas séries iniciais, os professores responderam que:

- “A cultura italiana em nossa comunidade escolar está muito presente no dia-a-dia de nossos alunos; ocorreu a valorização dos antepassados, o entrosamento maior da escola com a comunidade; a vivência dos antepassados transposta para hoje; a empolgação das crianças querendo saber mais; o vínculo forte que o italiano estabeleceu com esta terra facilitou a compreensão dos elementos históricos .”

Os depoimentos confirmam que o uso da cultura residual e ainda presente nos descendentes dos imigrantes italianos serviu como motivação para que os alunos compreendessem o sentido do estudo de História, numa sociedade onde esta mesma cultura possui uma raiz forte.

Ao relacionarem as interferências que esta prática com a cultura italiana proporcionou no fazer pedagógico com os conteúdos de História, os professores confirmaram que:

- “Existiu um fascínio pelo passado, buscando coisas então quase esquecidas pelos nossos pais, avós: existe um saber em todo lugar e em toda pessoa, importante e valioso; há a preocupação do aluno em querer saber cada vez mais sobre seus antepassados; todo trabalho desenvolvido com a criança teve por base a sua própria história e a de sua família, comunidade. O resultado final foi satisfatório tanto para o professor quanto para o aluno; foi motivação para as famílias e comunidade; trabalhou as origens e a realidade dos alunos em aula; modificou a nossa prática porque notamos a importância de trabalhar a cultura italiana.”

A proposta de inserção de estudos de caráter etnográficos no currículo escolar, como proposta de construção coletiva de um saber através da história oral e da memória popular, alcançou objetivos, já que a comunidade, acreditando que o “seu saber” tem significados, propôs-se a colaborar e daí estabeleceu uma espécie de aliança cultural com a escola.

Como destaques, os professores afirmaram a participação comunitária e o envolvimento das pessoas, pois ao longo do trabalho ocorreu:

- “Uma volta ao passado, buscando no fundo do baú, tesouros até então guardados e que hoje fizeram parte da construção da comunidade escolar; a valorização e o respeito aos mais idosos; a importância da nossa cultura; integração/comunidade escola; valorização tanto por parte dos alunos, quanto de familiares ou pessoas de mais idade. Isso fez com que percebêssemos o conhecimento que estas pessoas têm quando podem colaborar; este trabalho despertou a importância à

formação da comunidade; os pais sentiram-se valorizados e houve resgate da cultura da comunidade; valorização da memória oral da comunidade.”

As dificuldades apontadas pelos professores relacionam-se à credibilidade por parte da comunidade em valorizar o seu próprio saber, destacando-se:

“Inicialmente, algumas pessoas achavam que suas histórias não tinham significado algum, mas depois se sentiram valorizadas e úteis por resgatar informações passadas. Devido a pouca importância à formação da comunidade, havia poucas informações, os pais não conversavam com os filhos sobre isso; alguns pais não conheciam bem a história da comunidade; a não participação de alguns alunos nas entrevistas porque os pais não permitiam; a pouca valorização que as pessoas atribuem a si próprias.”

As dificuldades encontradas referem-se a auto-estima, ao pouco conhecimento que as gerações mais recentes têm da história de seu próprio povo; pouca confiança em que um saber “popular” possa ter significados dentro do âmbito escolar. Uma vez rompida esta barreira inicial, houve uma rica troca de conhecimentos e uma disponibilidade das gerações mais velhas em colaborar com os alunos. Sentiram-se valorizados e gratificados.

Quanto às interferências que o uso da cultura do meio (italiana) proporcionou às práticas pedagógicas dos professores, eles confirmaram que ocorreu, apontando os seguintes benefícios:

a) valorização do saber dos outros; importância da participação de todos os envolvidos; a pesquisa, análise, a relação de antigamente com o agora; subsídios para passar o conteúdo aos alunos; elaboração dos conceitos, pois tomou-se como base o que as pessoas haviam dito; facilitou o diálogo com a comunidade e com isso o Estudo do Meio; valorização e resgate da cultura italiana, enfatizando-a no planejamento pedagógico; entrevistas e pesquisas com pessoas de mais idade, comparando-as com o meio atual; despertou diversos aspectos: criar mais atividades com a cultura do meio, valorizar a nossa história, trabalhar os conteúdos a partir de temas geradores da cultura italiana.

Estas interferências apontadas servem de indicadores para a necessidade de pensar uma escola que aproxime mais a realidade da cultura do grupo, que perceba que o povo tem um saber e que ele é importante para a identidade local, que saia de suas paredes e

busque a vida em seu redor, como queria Freinet. Apesar das interferências apontadas pelos professores, existe ainda um longo, porém interessante, caminho a construir na direção desta integração.

Conclui-se que os estudos etnográficos no Ensino Fundamental permitem uma substancial contribuição às questões postuladas pelos estudos culturais no currículo escolar, principalmente ao se tratar da cultura local e do cotidiano dos alunos em família e em comunidade e estas se inserindo na cultura regional, estadual e nacional.

Os resultados obtidos fortaleceram a certeza de um fazer pedagógico inserido na vida e no cotidiano dos alunos, das escolas e das comunidades e de revitalizar também a aproximação da escola com a história, os saberes e a cultura local. Os temas abordados no estudo possibilitam uma aproximação do currículo com a Antropologia Cultural.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

DE BONI, Luiz A; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** 3. ed. Caxias do Sul: UCS, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio: LTC.1987.

HOEBEL, E. Adamson e FROST. Everett. **Antropologia cultural e social.** São Paulo: Cultrix,1999.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação .Petrópolis: Vozes,1992.

ORO, Ari Pedro. Mi son talian. In: **Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST,1996.

POZENATO, José Clemente. Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. . Caxias do Sul, **Caderno EDUCS**, v. 3, 1990.